



“Retrato de G.W. von Leibniz” (1703),
por Andreas Scheits,
Biblioteca Pública de Hannover.

Analogia dos relógios (1696) Argumento do moinho (1714)

Gottfried Wilhelm Leibniz (1646-1716)

(1) “Observações acerca da harmonia da alma e do corpo (Segundo esclarecimento do Sistema novo)” (1696), pós-escrito de carta para Basnage de Bauval redigida em 3-13 de fevereiro. Trad. para o português de Edgar Marques, in *Sistema novo da natureza e da comunicação das substâncias e outros textos*, Editora da UFMG, Belo Horizonte, 2002, pp. 45-48.

(2) “Princípios de Filosofia ou a Monadologia” (1714), redigido em francês em Viena, tradução obtida do site Leibniz Brasil, em <http://www.leibnizbrasil.pro.br/leibniz-traducoes/monadologia.htm>

Seleção feita por Osvaldo Pessoa Jr., para o curso de Teoria do Conhecimento e Filosofia da Ciência III (FLF0445), 2º semestre de 2017.

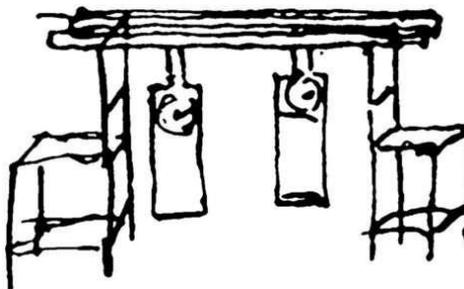
Segundo esclarecimento do Sistema novo (1696)

[...] Imagine dois relógios que estão perfeitamente sincronizados um com o outro. Ora, isso pode ser feito de *três modos*: o *primeiro* consiste em uma influência natural. É isso que experimentou Huygens para seu grande espanto. Ele prendeu dois pêndulos em uma mesma peça de madeira. Os

batimentos contínuos desses pêndulos comunicavam vibrações semelhantes às partículas da madeira, mas essas vibrações somente poderiam subsistir em sua ordem, sem se impedir mutuamente, se os pêndulos estivessem em acordo um com o outro. Sem isso, seria por uma espécie de milagre que, mesmo quando se tivessem perturbado

expressamente seus batimentos, eles retornassem de pronto a bater em conjunto, quase como duas cordas que estão em uníssono. A *segunda maneira* de fazer com que dois relógios, ainda que imperfeitos, estejam sempre de acordo um com o outro seria colocá-los sob vigília constante de um artesão hábil que acertasse um com o outro a cada momento. A *terceira maneira* será a de fazer de início esses dois relógios de pêndulos com tanta arte e justeza que se possa assegurar de seu acordo posterior.

Coloque agora a alma e o corpo no lugar dos dois relógios. Seu acordo ou simpatia ocorrerá também por meio de um desses três modos. A *via de influência* é aquela da filosofia vulgar [e do interacionismo de Descartes]. Mas, como não se podem conceber partículas materiais nem espécies ou qualidades imateriais que possam passar de uma dessas substâncias para a outra, é-se obrigado a abandonar essa opinião. A *via da assistência* é aquela do sistema das causas ocasionais [ocasionismo de Malebranche], mas eu considero que com isso faz-se com que um *Deus ex machina* intervenha em uma coisa natural e ordinária, onde, segundo a razão, ele somente deve intervir da mesma maneira que ele concorre para todas as outras coisas da natureza. Assim, resta somente a



Desenho de Christiaan Huygens
de seu experimento (1665).

minha hipótese, quer dizer, a *via da harmonia preestabelecida* por um artífice divino prevenido, o qual desde o começo formou cada uma dessas substâncias, as quais mesmo seguindo somente suas próprias leis – que elas receberam com seu próprio ser –, estão em acordo umas com as outras. Tudo como se houvesse uma influência mútua, ou como se Deus colocasse sempre sua mão aí, para além de seu concurso geral. Depois disso, não creio que tenha necessidade de provar nada, a não ser que se queira que eu prove que Deus tem tudo o que é necessário para se servir desse artifício antecipatório, do qual nós vemos mostras mesmo entre os homens, na medida em que se trata de pessoas habilidosas. E, suposto que Deus possa se servir desse artifício, vê-se que ela é a mais bela via e a mais digna dele. [...]

Nota do editor: O belga Arnold Geulincx (1624-69), em suas “Anotações” (§ 19) referentes à sua obra *Ética*, publicadas com o livro em 1675, apresentou uma analogia entre dois relógios para ilustrar o interacionismo e o ocasionismo (sua posição pessoal). Porém, do jeito que foi enunciada a alternativa ocasionista da analogia, ficou próxima da harmonia preestabelecida (ainda não proposta por Leibniz). Antes deste trecho, Geulincx esclarecera seu ocasionismo com outra analogia, a do bebê no berço, que deseja que o berço seja balançado, mas sendo que o berço de fato balança devido à mão da mãe. (Ver pp. 329-30 de RADNER, D., 1993, “Occasionalism”, in PARKINSON, G.H.R., *Routledge History of Philosophy*, vol. IV, pp. 320-52). Leibniz foi influenciado apenas indiretamente pelo texto de Geulincx, por meio de uma carta a ele escrita por Simon Foucher, que tinha lido Geulincx (ver nota de R. LATTA na p. 320 de LEIBNIZ, G.W. *The Monadology and other philosophical writings*, Oxford U. Press, 1898).

Monadologia (1714)

[...]

14. O estado transitório que envolve e representa uma multiplicidade na unidade, ou na substância simples, outra coisa não é senão o que se denomina Percepção, que se deve distinguir da apercepção ou da consciência, como adiante se verá. Nisto é que os cartesianos se equivocaram ao desconsiderarem as percepções que não são apercebidas. Isso também os conduz a crer que apenas os Espíritos são Mônadas e que não há Almas dos Irracionais nem outras Enteléquias, e a confundir, com o vulgo, um prolongado atordoamento com a morte no sentido estrito, o que, novamente, os conduz erroneamente ao preconceito escolástico das Almas completamente separadas e mesmo a confirmar a crença da mortalidade das almas pelos espíritos mal orientados.

[...]

17. Ademais, deve-se confessar que a Percepção e aquilo que dela depende é inexplicável por razões mecânicas, isto é, por figuras e movimentos. Imaginando-se que há uma máquina cuja estrutura a faça pensar, sentir e perceber, poder-se-á, guardadas as mesmas proporções, concebê-la ampliada de sorte que se possa nela entrar como em um moinho. Admitido isso, lá não encontraremos, se a visitarmos por dentro, senão peças impulsionando-se umas às outras, e nada que explique uma percepção. Portanto, essa explicação deve ser procurada na substância simples e não no composto ou na máquina. Por isso, na substância simples não se pode encontrar nada além disso: percepções e suas modificações. Também só nestas podem consistir todas as Ações internas das substâncias simples.